



LHM

ESTRADA DE MÃO DUPLA DE VIEIRA E ARISTÓTELES NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA: É IMPORTANTE LER OS CLÁSSICOS DA LITERATURA?

Francisco de Sousa Araújo*¹

*Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

e-mail: mesanfans@hotmail.com

Antiqua. Tamanho

Resumo: Este artigo pretende analisar alguns elementos clássicos da *Retórica de Aristóteles* (2006) no *Sermão da Sexagésima* (2021), de Antônio Vieira (1608-1697), e motivar a leitura dos clássicos à luz da definição dos clássicos de Ítalo Calvino, particularmente, em sua obra recente e completa, *Por que ler os clássicos* (2023), de modo a constituir-se uma estrada estrutural imaginária de mão dupla poético-literária entre alguns fragmentos do clássico barroco *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antônio Vieira, e os princípios retóricos de Aristóteles que são a base estrutural do *Caminho Peripatético* entre dois retóricos de tempos diversos. Assim destacam-se nesta análise a aplicação da lógica persuasiva e da estilística clássica aristotélica evidenciando a influência da recepção dos clássicos na construção argumentativa temporal e atemporal. A análise não pretende criar manual retórico-oratório nem analisar todo o sermão, mas, talvez, despertar a curiosidade de seus leitores e ouvintes ao vislumbrar elementos da politeia, polissemia, e policoncepção retórica na própria formação da Nação Brasileira, conquanto fique em aberto a prevalência desses elementos na análise discursiva. O *Sermão da Sexagésima vieirianum* tem influências e confluências da *Retórica de Aristóteles*, fato relevante que justifica sua análise, visto que seu conteúdo não é mero Barroco Brasileiro (1601-1768), mas transcende o contexto e conduz à descoberta da recepção dos clássicos e dos princípios poético-literários universais, desde o tempo inaugural ao contexto poético-literário augural.

Palavras-chave: Antônio Vieira. Barroco brasileiro. Retórica de Aristóteles. Sexagésima. Recepção dos clássicos.

Vieira And Aristotle's Two Way Rood In The Sixtieth Sermon: Is It Important To Read Literary Classics?

Abstract: This article aims to analyze some classical elements of *Aristotle's Rhetoric* (2006) in the *Sermon of Sixtieth* (2021), by Antônio Vieira (1608-1697), and encourage the reading of the classics in light of Italo Calvino's definition of the classics, particularly in his recent and complete work, *Why Read the Classics* (2023), in order to constitute an imaginary two-way poetic-literary structural road between some fragments of the baroque classic *Sermon of Sixtieth*, by Father Antônio Vieira, and Aristotle's rhetorical principles that are the structural basis of the Peripatetic Path between two

¹ Doutorando em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica-PUC-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8804152162328585>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5815-7565>.



rhetoricians from different times. Thus, this analysis highlights the application of persuasive logic and classical Aristotelian stylistics, evidencing the influence of the reception of the classics in the temporal and timeless argumentative construction. The analysis does not intend to create a rhetorical-oratorical manual nor to analyze the entire sermon, but, perhaps, to arouse the curiosity of its readers and listeners by glimpsing elements of *politeia*, polysemy, and rhetorical polyconception in the formation of the Brazilian Nation, although the prevalence of these elements in the discursive analysis remains open. The *Sermon of the Sixtieth vieirianum* is influenced and confluenced by *Aristotle's Rhetoric*, a relevant fact that justifies its analysis, since its content is not merely Brazilian Baroque (1601-1768), but transcends the context and leads to the discovery of the reception of the classics and universal poetic-literary principles, from the inaugural time to the augural poetic-literary context.

Keywords: Antônio Vieira. Brazilian Baroque. Aristotle's Rhetoric. Sixtieth. Reception of the classics.

Do olhar geral à lente específica sobre os textos clássicos

“Clássicos são aqueles livros que constituem uma riqueza para aqueles que os leram e os amaram; [e] para aqueles que reservam [...] a sorte de lê-los pela primeira vez [...].”, conforme Calvino (2021, p. 1817). Analisando o fragmento acima, vemos que os clássicos não são sinônimos de superioridade em relação às demais obras nem estão vinculados ao eurocentrismo. Todos os povos e épocas têm seus clássicos na literatura global, os quais são inumeráveis e estão presentes em todos os quadrantes. Nesta pesquisa, compreendemos os clássicos de modo expandido da Antiguidade greco-romana às literaturas contemporâneas.

Analisamos, agora, de modo ligeiro alguns aspectos da tradução de obras clássicas, abordando seu impacto para os leitores brasileiros, especialmente, a respeito da democratização do saber. Partimos do pressuposto que livros clássicos da Antiguidade, como: os de Homero, Platão, Aristóteles, Virgílio; e da Modernidade, como: os de Dante, Shakespeare, Cervantes, Descartes são fundações do pensamento ocidental, no entanto não são sinônimos de superioridade nem são os únicos de valor reconhecido e estabelecido que podem ser referências hodiernas e futuras. Concebemos clássicos no sentido expandido de Calvino (2001, p. 1817) sem prioridade eurocêntrica, ideia universalizante e colonialismo.

As obras clássicas, no sentido calviniano (2023), formam parte do que chamamos de cânone, influenciando áreas como filosofia, literatura, política e ética. Muitas obras clássicas foram escritas em línguas como grego antigo, latim, italiano antigo, francês arcaico e inglês elisabetano que são, hoje, idiomas pouco acessíveis à maioria da população leitora. Importa a tradução de qualidade (filológica e poética), como nas primeiras traduções dos clássicos, no Brasil, embora “todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto”, segundo Boff (2017).



Hoje, o Brasil é um dos maiores tradutores de obras clássicas, incluindo as latino-americanas decoloniais de Aníbal Quijano como: “Colonialidade do poder” (*La colonialidad del poder*, 2019) e Walter Mignolo (2023) que analisa os desafios coloniais sob a tríade: colonialidade, modernidade e decolonialidade. A tradução de qualidade dos clássicos é sempre filológica e poética (criação e crítica), qual segundo cânone ao lado da obra original clássica traduzida.

Boa tradução desempenha papel estruturalmente democrático e é por meio dela que obras são lidas, discutidas, acessadas e apropriadas por diversos públicos que não dominam os idiomas clássicos originais. Nesse sentido, tem grande impacto na vida dos estudantes e pesquisadores a tradução poético-filológica qual ponte entre culturas, tempos, espaços e utopias, tornando a distância universal acessível ao local e semeando futuros. Contemplando especificamente o leitor brasileiro, lembramos que a tradução cumpre funções ascensionais: acesso linguístico que rompe barreira idiomática; acesso cultural que acede *notas*; acesso social que leva à visão de mundo mais crítica aos estudantes de escolas públicas, universidades, autodidatas e aos leitores, não especialistas, que leem essas obras.

A leitura de obras clássicas e retóricas e suas diversificações ajudam a analisar o mapeamento das ideias, temas, personagens e contextos pontuais e *atemporais* nas obras literárias consideradas clássicas quer estejam na realidade, quer estejam na ficção científica. O acesso às obras clássicas propicia *insights* não apenas do texto em si, mas também do seu impacto histórico-cultural ao longo dos tempos. Muitos clássicos carreiam a ideologia do seu tempo, por exemplo, a ideologia eurocêntrica, no entanto, podemos identificá-la e depurá-la assimilando apenas a real contribuição. Ao invés de recusar os clássicos pelo preconceito *civilizatório*, acolhamo-nos pelo foco *emancipatório*. Acesso gratuito aos clássicos www.dominiopublico.com.br e www.12.senado.leg.br/institucional/biblioteca e outros.

Nesse sentido, frisam-se as motivações de Ítalo Calvino (2023) acerca da importância multifacetada de ler ou traduzir obras clássicas da antiguidade à modernidade. Antes de tudo, essas obras frequentemente contêm reflexões perenes sobre a natureza humana, a sociedade e o mundo em que vivemos, além de oferecerem *insights* valiosos que continuam relevantes em tempos de pós-Inteligência Artificial. Assim sendo, ler, estudar, recepcionar ou traduzir os clássicos podem trazer grande benefício à humanidade e a percepção de modo linear de si mesma e de outrem ao seu redor, as origens e evoluções das ideias, valores e contravalores e as instituições que moldaram as nossas civilizações ocidental e oriental.



Ler e traduzir os clássicos, hoje, segundo Calvino (2023), é amor indubitável à árvore genealógica literária, além de torná-los acessíveis a uma audiência mais ampla, compartilhando o saber e garantindo sua democratização às futuras gerações, pois muitas não fruirão desse prazer, pois são ágrafas e podem não saber que há obras clássicas. Quanto às obras que imortalizaram os mapas das ciências e os significados da ética, da moral *atemporal*, humanismo e direitos humanos parecem-nos um *continuum* e eviterno *checklist*.

Por exemplo, *A República*, de Platão, *insight* inaugural à filosofia ocidental, preconiza o Estado ideal governado por líderes justos, capacitados e sábios de ampla polissemia, *politeia* e policoncepção clássica, explorando os temas: justiça, virtude e governo utopista e influenciando a ética e a teoria política até o presente. *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri mais que uma leitura clássica é uma viagem épica que aborda questões de pecado, redenção e moralidade, enquanto oferece-nos concepção abrangente da cosmologia cristã medieval.

Na literatura moderna também sobrevivem clássicos e talentosas obras como: *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, que questiona a natureza da realidade e da loucura, desafiando convenções da época e abrindo caminhos para uma compreensão mais complexa sobre a condição humana. Os *Miseráveis*, de Victor Hugo, por sua vez, é uma contextualização plenipotenciária da justiça social, da compaixão e da redenção, que levanta questões augurais sobre os direitos humanos e a dignidade humana que o mundo parece ter assimilado pouco, inobstante *insights* de natureza literária clássica, *indelével* e singular.

Essas são obras clássicas que deixaram marcas inapagáveis na biblioteca imaginária das civilizações e continuam a influenciar o pensamento e a cultura dos seus leitores atuais. Desmitificamos que não é difícil a leitura dos clássicos e podemos encetar pelos clássicos brasileiros mais conhecidos: Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Cora Coralina, Graciliano Ramos, Milton Hatoum. A dificuldade de ler um clássico é *nonada*, isto é, nada, conforme a primeira palavra de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (2019), escritor mineiro regionalista renovou o cânone literário pela leitura de clássicos universais.

Por outro lado, se quisermos, de fato, compreender neste artigo os clássicos, da Antiguidade Clássica aos modernos, começemos, talvez, por alguns dos clássicos que influenciaram a vida de Ítalo Calvino e ele faz questão de citar como um memorial literário na sua obra *Por que ler os clássicos* (2023), como: as várias odisseias na *Odisseia* (Xenofonte); *O livro da Natureza* (Galileu); *Cyrano na Lua* (Robinson Crusoe); *Candide ou a velocidade* (Denis Diderot); *O conhecimento atomizado* (Stendhal); *A cidade-romance* (Balzac). E assim por diante:



Charles Dickens, Gustave Flaubert, Liev Tolstói, *Dois hussardos*; Mark Twain; Henry James; Robert Louis Stevenson; *Os capitães de Conrad*; Pasternak e a revolução; Hemingway e nós; Jorge Luís Borges, Jorge Amado, Érico Veríssimo e outros clássicos brasileiros. A primeira noção de clássicos é que são obras que dizem a cada tempo o que vieram para dizer e a nós hoje.

Inoculando alguns pressupostos teórico-bibliográficos

A fim de preparar neste artigo a estrada de mão dupla entre Vieira e Aristóteles, apresentamos alguns reflexos e reflexões crítico-literários sobre recepção dos clássicos na literatura e sua importância humanística, a partir do aporte teórico *Por que ler os clássicos* (Ítalo Calvino, 2023) e da *Retórica de Aristóteles* (2006). Calvino é escritor clássico, teórico e filósofo cubano (1923-1985) naturalizado italiano, filho de pais cientistas italianos, que o deram à luz durante curto período em Havana, Cuba. Além disso, Calvino é um escritor jornalista que *profana* a literatura e o romance, ou seja, dá-lhes novo uso, reuso, tornando o que era considerado *sagrado* e intocável algo *profano*; e o que era visto como *profano*, algo *sagrado*, a *pepita do tesouro literário*, os livros clássicos. Sua obra acima é um clássico literário.

Calvino (1923-1985) é considerado pela crítica universal um dos mais importantes escritores e teóricos italianos do Século XX. Além de escritor, foi jornalista e professor, um dos maiores críticos literários até o presente. A leitura de sua obra - edição especial - *Por que ler os clássicos* (2023) confirma o talentoso teórico e suas múltiplas interrelações motivando seus leitores e ouvintes a relerem os clássicos com jovialidade e maturidade. Conforme Calvino (1993), a literatura em geral trilha itinerários que trespassam barreiras de interdições e fronteiras e diz o que não seria dito. Escrever literatura e ler os clássicos é redescobrir palavras e histórias deixadas para trás pela memória coletiva e individual. É ressuscitar o que sabíamos e que esquecemos, involuntariamente, no decurso do tempo.

Quanto aos retóricos Aristóteles (384-322 antes de Cristo) e Padre Antônio Vieira (1608-1697), não é necessário grande apresentação nem pressupostos teóricos. Aristóteles é o imortal filósofo e retórico nascido em Estagira (Macedônia), hoje, pertence à Grécia. É chamado de areopagita porque morou na Grécia próximo ao Areópago. É retórico e polímata (conhecedor de várias ciências), discípulo de Platão e estudante de sua academia. É um dos pensadores mais influentes na História, na Filosofia e na Teoria Literária ocidental.



Padre Antônio Vieira é talentoso escritor, filósofo, retórico e orador-sacro-luso-brasileiro, poliglota e polímata. O maior nome do Barroco Brasileiro e o retórico mais influente do Século XVII aos nossos dias. Destacou-se pela retórica e missão jesuítica, defendeu enfaticamente a libertação dos escravos e das minorias, por isso foi coroado como *Imperador da Língua Portuguesa* pelo poeta Fernando Pessoa, em *Mensagem* (1934). Dados esses pressupostos e lampejos teórico-biográficos, estamos assessorados a seguir adiante.

Metodologia e coleta de dados à luz do Método Hipotético-Dedutivo aristotélico

Pressupondo, neste artigo, que a literatura é a arte da palavra e da escrita, faremos a coleta de dados sobre a recepção e a leitura dos *clássicos* em sentido expandido, a partir de pesquisa bibliográfico-qualitativa de obras teóricas apresentadas acima, justificando hipóteses com fragmentos de obras lidas e seletas. Quanto à metodologia de análise dos clássicos: *Sermão da Sexagésima* e *Retórica de Aristóteles*, consoante indicados acima, como *corpus*, será efetuada à luz do Método Hipotético-Dedutivo aristotélico. Assim contemplaremos nos fragmentos que a recepção e a leitura dos clássicos não possuem apenas uma função utilitária ou mercadológica nem se pretendem a ensinar ou ditar comportamentos, no entanto, seus leitores lhes atribuem funções lúdicas, socioeducativas, de *literatura engajada*.

A literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar. Cumpre fazer esta distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformar a literatura em mero documento das situações e transições sociais. A repercussão imediata dos acontecimentos políticos na literatura não vai muito além da superfície, e quanto aos efeitos da situação social dos escritores sobre a sua atividade literária, será preciso distinguir nitidamente entre as classes da sociedade e as correspondentes “classes literárias”. A relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma ralação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica). (Carpeaux, 1978, apud Bosi, 2008, p. 7).

Concebemos que a literatura dos *clássicos* e não *clássicos* exerce funções sociais nos leitores: emocionar, divertir, filosofar ou despertar para a realidade. Isso não é regra nem cânone literário, conforme Calvino em *As Cidades Invisíveis* (2003) em cuja obra as cidades não são monumentos, como os conhecemos, nem há um conceito geográfico, mas são um símbolo complexo da existência humana na Terra. Assim, ele persuade reiteradamente, do princípio ao fim da obra, a leitura e releitura dos clássicos globais de cada nação, desde a



Antiguidade ao presente, a partir do argumento: “Nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão” (2007, p. 12). Ele se lamenta que escolas e universidades façam exatamente o contrário obnubilando a cosmovisão e lançando uma cortina de fumaça sobre a leitura dos clássicos. Calvino segue o *Método Dialético*, outra face da *Retórica* de Aristóteles (2006), e insiste que a leitura crítica não substitui a leitura da obra de criação.

No retrovisor da história literária encontra-se a estrada de mão dupla dos clássicos

Enfatiza-se que o livro *Por que ler os clássicos* (Calvino, 2007) além de teórico, apresenta o conceito de clássicos expandidos com clareza, citando diversos clássicos – de Homero a Borges mediante os comentários, perorações e *insights*. Ítalo Calvino sintetiza a definição de clássicos de forma magistral no verbo *reler* e denomina de *hipócrita* quem nunca leu os clássicos, contudo, diz estar *relendo*. “O prefixo reiterativo [re] antes do verbo ler pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso” (Calvino, 2007, p. 9). O preconceito contra os clássicos oblitera a leitura e *insights*.

Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo ...” e nunca “Estou lendo ...” [...]. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. [...]. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se com o inconsciente coletivo ou individual. [...]. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira. [...]. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. [...]. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. [...]. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). [...]. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe. [...]. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecê-los por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. [...]. Chama-se de clássico um livro que se configura com o equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs. [...]. O “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele. [...]. Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia. [...]. É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo. [...]. É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (Calvino, 2007, p. 9-15).



Essas são algumas considerações relevantes, talvez, uma pequena síntese do conceito dos *clássicos*, a fim de despertar o gosto pela leitura. A citação acima são quatorze fragmentos teóricos em que Calvino (2007) tenta convencer e persuadir pelo conceito expandido de *clássicos* sua leitura/releitura, hoje. Ele acredita na mudança da cosmovisão e diz: “Para a história de todas as acepções do termo [clássico] consulte-se o exaustivo verbete ‘Clássico’ de Franco Fortini na Encyclopédia Einaudi, volume m” (Calvino, 2007, p. 13-14).

De modo dialético, ele justifica que não é necessário explicar o uso do termo *clássico* sem distinções de tempo, de estilo e de autoridade. Por outro lado, se não for possível acessar a encyclopédia sugerida por ele, temos dezoito *acepções de clássico* no *Novo Dicionário Aurélio* (Ferreira, 1986, p. 416), observações pedagógico-metodológicas relevantes, a fim de evitar pseudodefinições *clássicas*. No decurso do artigo, veremos definições mais específicas.

A recepção de clássicos gregos desperta a politeia brasileira

A *Creatio ex nihilo* é doutrina de fé e implica dizer que a matéria não é eterna, mas teve um momento criativo divino. Exetuando essa concepção teísta, tudo o mais na natureza tem alguma influência de outrem para vir à luz. É nesse sentido que entendemos a politeia clássica greco-romana e, de modo geral, sua influência na politeia brasileira. Conforme Augusto (2012), a recepção e a tradução de clássicos gregos no Brasil do Século XIX tiveram uma contribuição seminal ao olhar socio-político-cultural dos leitores brasileiros.

Não se pode mensurar a relevância político-cultural semeada pela tradução dos primeiros *clássicos* no Brasil, pois efetivamente atingiu um nicho restrito, qual *estalo germinal a se tornar um crescendum contra o eurocentrismo*. Essas hipóteses, a partir da recepção ampla de *clássicos*, encetaram o Brasil a ser hoje um dos maiores tradutores de clássicos e a ter seus próprios clássicos. Apesar de restrita, a contribuição augural dos clássicos iluminou à *politeia brasileira*, guardadas as devidas proporções de tempo, estética, contexto político-cultural, da politeia grega, conforme Ehrenberg (1980). Clássicos não significam ideologia eurocêntrica.

Segundo a acepção de Calvino (2007), acredita-se que a influência dos clássicos ajudou no caminho ascensional da politeia à brasileira que hoje inspira outras nações no compêndio dos clássicos latino-americanos que soube transformar *olhares universalizantes* coloniais em clássicos *transmodernos* decoloniais. Por isso nossa tradição clássica, devidamente



compreendida, teve sua contribuição na formação da politeia à brasileira, no sentido de extensão semântico-relacional entre a constituição política, entendida como princípio emancipatório e direitos e deveres do Estado e do Cidadão, consoante pondera Augusto (2012).

Enfatiza-se a influência da tradução/tradição de qualidade dos clássicos na história da literatura sempre à luz filológica e poética: a um tempo, criação e crítica, de modo a tornar-se como um segundo *cânone* ao lado da obra original clássica bem traduzida. Nesse sentido, o Brasil é uma das nações que exalta notáveis tradutores: Carlos Alberto Nunes (*Diálogos de Platão*), Haroldo de Campos (*Homero e Dante*), Mário Gama Kury (*Tragédias gregas*), Guilherme Gontijo Flores (*Éclogas e Geórgicas de Virgílio*), entre outros. Essas obras são ferramentas pedagógicas e culturais de enorme valor e impacto aos leitores do Brasil.

As *Categorias de Aristóteles* foi o primeiro livro da Antiguidade Clássica grega a ser traduzido e impresso no Brasil por Silvestre Pinheiro Ferreira ([1814], 1994) para fazer suas *Prelações Filosóficas* (Ferreira [1814], 1970) que motivaram a formação da politeia à brasileira. Nessa perspectiva, a recepção e a tradução dos clássicos gregos inspiraram o pensamento da politeia brasileira impulsionando a percepção da *brasilidade* no limiar do Século XIX. Além disso, Silvestre Pinheiro Ferreira contribuiu na formação da consciência patriótica brasileira junto com José Bonifácio de Andrade e Silva, visto como grande mentor, a ascender certa centelha à *Politeia Tropical* à brasileira, ao publicar em Lisboa, Portugal, em 1816, o idílio *A Primavera*, de Meleagro de Gadara, rumo à *Gramática Filosófica* da politeia do Brasil.

O checklist augural sobre a recepção dos clássicos no Brasil é modesto e, em princípio, destinado a um público restrito, mesmo incluindo *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo; *A História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides; e após a queda da monarquia no Brasil, a tradução e impressão de *Odisseia*, de Homero, que contribuíram de alguma forma com o vir-a-ser da politeia à brasileira entre muitas nações, ressalvando às devidas proporções deste pressuposto. Por isso, pressupomos que a recepção e a tradução de qualidade (filológica e poética) dos clássicos no Brasil foram, em certa medida, fugazes epifanias a criticar o eurocentrismo.

O imperador Dom Pedro II adiantou-se às prelações filosóficas, conforme Ferreira ([1814], 1996), via recepção dos clássicos gregos, no Brasil do Século XIX, traduzindo pessoalmente o supracitado clássico grego *Prometeu Acorrentado*, *A História da Guerra do Peloponeso* e *Odisseia*, obras que transitaram da monarquia constitucional lusitana ao inaugural contexto político da República Brasileira, fruto de um *crescendum* retórico plural e *decolonial*.



Esses eventos, conquanto de nichos restritos, deram sua contribuição aos leitores brasileiros e estão nos anais da História da *Politeia Tropical* brasileira. Isso reforça a urgência e a necessidade da recepção crítica contínuo aos *clássicos* analisando as influências positivas e o eurocêntricas à luz da estrada de mão dupla encetada no *Sermão da Sexagésima* por influências metaliterárias da *Retórica de Aristóteles*. Segundo Augusto (2012), a influência dos livros *famosos* marcou muitos autores clássicos modernos, como: Ehrenberg (1980); Manville (1990); e Moraes (2004). Assim, vemos algumas acepções do termo politeia à brasileira sob olhar não universalizante dos *clássicos* e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

E aqui parece-nos, ainda, oportuno lembrar que o termo [politeia] não é usual na língua grega arcaica, sendo encontrado na prosa jônico-ática a partir da segunda metade do Século V antes de Cristo, inicialmente nos textos dos historiadores e, em seguida, frequentemente, nos textos de filósofos e oradores. Ademais, o termo *politeía [sic]* é uma palavra de difícil tradução, cujo significado está interligado aos de *pólis* [cidade] e *polítes*: se a *pólis* se constitui em uma “comunidade de cidadãos”, a *politeia [sic]*, enquanto modo de vida do cidadão, só ganha sentido no interior da *pólis*. Nesse sentido, a *politeía [sic]* se manifesta em dois aspectos vitais do pensamento político grego: o direito de cidadania e a *forma* de governo, o regime político, e enquanto direito de cidadania, a *politeía [sic]* determinava os direitos políticos do cidadão e sua participação na estrutura geral da *pólis*, não como um ato meramente jurídico entre o indivíduo e o Estado, mas como um corpo vivo, onde cada cidadão participa da cidadania (Augusto, 2012, p. 4).

De acordo com a breve reflexão teórica à luz de Augusto (2012), podemos mensurar, de alguma forma, a relevância da recepção, da tradução de qualidade e da impressão que os clássicos encetaram no Século XIX para a História e a vida poético-cultural do povo brasileiro e até para os afrodescendentes. O caminho ascensional dessa consciência é lento, porém, livre e capaz de administrar a própria vida, confirmado-se através de ininterruptas traduções filológicas e poéticas que foram compiladas no Brasil durante mais de dois séculos (1814-2024): da primeira tradução de um clássico no Brasil, através de Pinheiro ([1814], 1996), aos tempos hodiernos (2025). A História clássica e pós-moderna testemunha os fatos.

Os clássicos da Antiguidade e da Modernidade são obras que se renovam sempre e nunca dizem tudo, de acordo com Calvino (2007). Nessa perspectiva, dir-se-ia que a recepção dos clássicos ainda pode trazer incontáveis contribuições literárias e novas utopias de viés decolonial ou novas politeias aos seus leitores, mesmo pós-Inteligência Artificial. Esses pressupostos são *insights* augurais e, em certa medida, verossímeis considerando a tradução crítica dos clássicos. Por outro lado, inobstante os fatos sejam efêmeros, o futuro incerto e sombrio e o ser humano falível, as ideias permanecem e as categorias são imortais naquilo



que se exprimem. Nesse sentido, a releitura dos clássicos emoldura o saber e pode até auxiliar na redescoberta de novos processos retórico-dialéticos que renovarão a pátria-nação.

Não nos parece sábio imergir no ceticismo cultural e negar que o sentido de *brasiliadade* impregnado no povo brasileiro nada tenha a ver com a contribuição de muitos autores e suas obras clássicas e contemporâneas. Aceito o pressuposto, há de se reiterar às gerações da pós-humanidades aquela primeira *epifania* advinda modestamente do contato com os clássicos que legaram o primeiro desejo de passar do Brasil Colonial ao Brasil Decolonial. Foram apenas gotas de sabedoria diante do imenso mar, mas sem elas o mar seria ainda menor. Nessa perspectiva, depreendemos que traduzir é criar senso de pertencimento à tradição intelectual universal. Há sempre uma alternativa pela qual podemos começar e nos apropriar dos clássicos universais. A tradução de uma obra de arte literária, quando efetuada com sensibilidade, no contexto brasileiro, pode ajudar a transformar muitas vidas, democratizando a educação e a cultura de modo *viral* e inclusivo.

Por isso, parece-nos fecunda a estrada de mão dupla literária, desde a simples leitura cursiva de uma obra *famosa*, à benéfica contribuição para a humanidade inteira, muito além do tempo e do lugar pontual da leitura e tradução. Assim, despertam-se momentos-chave da vida poético-literária nacional, a partir da politeia à brasileira. Tudo isso não foi geração espontânea, porém, houve influência cultural. Podemos imaginar a influência da literatura sob três eventos vitais à construção da concepção de nação-brasileira, a saber: a mudança do estatuto político do Brasil Colônia à condição de Reino Unido de Portugal e Algarves, a partir do advento da Corte Lusitana ao Brasil (1808); na nossa emancipação política ou independência de Portugal (1822); na constituição do Brasil-imperial-constitucional e nos desdobramentos através da abolição da escravidão e da Constituição Republicana de 1889.

Alguma polissemia conceitual, recepção e leitura dos clássicos

A teoria da recepção rejeita a existência de um texto único, original, objetivo e fixo que tem de ser examinado como uma forma de arte pura, como argumentariam o neocriticismo e muitos teóricos pós-modernos. Em vez disso, na recepção, nós falamos em ‘textos’, no plural, porque, a cada vez que um texto é lido, ele está sendo recebido e interpretado de uma nova maneira. Isso tem se mostrado ser de especial valor para o estudo dos clássicos, em que os textos e a cultura material do mundo antigo sobrevivem apenas de forma fragmentária. [...]. A recepção dos clássicos concentra-se na forma como o mundo clássico é recebido nos séculos subsequentes e, em particular, nos aspectos das fontes clássicas que são alterados, marginalizados ou negligenciados. A diferença entre a recepção e o estudo da tradição clássica é que a recepção oferece



um modelo mais completo do estudo desse fenômeno, um que não prioriza uma leitura canônica do modelo clássico em detrimento de sua recepção (Bakogianni, 2016, p. 2-3).

Conforme o texto acima, as recepções são a maneira como o material grego e romano foi transmitido, traduzido, interpretado, reescrito, repensado e representado. Por isso problematizamos: em que consiste a recepção dos clássicos de forma ampla e contínua na história? Há quem diga que a recepção é *tudo*. *Tudo* é pronome indefinido bastante genérico, pois ao estudarmos os clássicos tornamo-nos processo contínuo de recepção em que a teoria reflete a prática (é seu produto) e não o contrário. Nesse sentido, seria evasivo pensar que a recepção dos clássicos é *tudo o que existe*. “Todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto” (Boff, 2017), por isso ninguém tem o domínio absoluto sobre a definição da *recepção dos clássicos*, uma vez que sua complexidade engloba e conecta tantas e variegadas perspectivas que começam na polissemia do termo *clássico*, passa pela pluriversalidade que resvala na falta de consenso dos críticos a respeito da *recepção dos clássicos* na antiguidade e no presente.

Por outro lado, conforme Bakogianni (2016), estudo do conceito *recepção dos clássicos* tem sido ampliado junto com o interesse pela *recepção dos clássicos*, sobremodo, na perspectiva da Literatura Comparada que se reflete na publicação de novos livros e na busca de conciliar a polissemia terminológica à pluralidade conceitual. É preciso problematizar as noções de *recepção dos clássicos* no fito de se encontrar uma estrutura universal que fundamentalmente a recepção de obras antigas sem tantas divergências no seio da literatura e da crítica. É preciso encontrar uma alternativa que mobilize a recepção perene dos clássicos. A questão conceitual da *recepção dos clássicos* é uma temática relevante em razão de escolas e universidades que dificultam sua recepção à luz de noções deturpadas e idiossincráticas.

De acordo com Bakogianni (2016) uma das direções sobre a discussão crítica rumo a recepção massiva dos clássicos na pós-modernidade é que mais pesquisadores e estudiosos têm problematizado a teoria da recepção e a questão de texto e fonte em artigos, dissertações e teses com mais frequência. Mas não é viável concentrar a pesquisa apenas em questões extrínsecas à *recepção dos clássicos* pois sabemos que nenhuma obra de arte antiga ou recente pode ter o seu significado plenamente abstraído e determinado pelo contingente ponto de origem, razão pela qual é *sine qua non* a recepção direta dos clássicos em um *continuum crescendum*. A solução talvez seja irmos ao pretérito para obter novo presente ou algo novo a



partir dos clássicos. Nesse sentido, a recepção dos clássicos será vista como um diálogo em dupla via de conhecimento: para trás e para a frente entre a Antiguidade e a Modernidade.

A recepção é o nosso diálogo com o passado clássico, independentemente da forma que tenha; é como uma conversa de via dupla em vez de um monólogo priorizando um ou outro lado. Acho, porém, que a questão mais pertinente a se colocar é o que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos, porque há muitas outras formas de ‘recepção’ por aí. De fato, os outros redatores insistiram que eu explicasse a recepção fazendo referência a um exemplo não clássico. Pude entender o ponto de vista deles, pois estavam pensando nos estudantes que eram totalmente alheios ao conceito de recepção. Por fim, eu decidi indicar-lhes o filme *West Side Story*, uma recepção popular de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Também não resisti a uma referência ao filme mais recente, de mesmo título, estrelado por Leonardo Di Caprio (*Romeu + Julieta*, 1966), que curiosamente manteve em grande parte o texto shakespeariano, ao mesmo tempo em que soa como o dialeto [gírias] usado por gangues americanas; em minha opinião, uma das recepções cinematográficas de maior sucesso dessa tragédia shakespeariana (Bakogianni, 2016, p. 3).

Pensando na definição acima sobre a recepção dos clássicos, precisamos indagar por que é necessária a recepção dos clássicos? E por que ler os clássicos? A discussão segue em curso e a resposta pode ser ímpar e pessoal tanto quanto a própria recepção dos clássicos, pois transformará de modo invulgar nossa cosmovisão pela experiência cultural com o pretérito expandido e poderá elevar a perspectiva do universo semântico-relacional diante de novas categorias poético-oratórias. Parece-nos que a imersão contínua no universo imaginário dos clássicos abre olhares críticos profundos, sobremodo, aos leitores e receptores.

Estar firme em nosso propósito diário de ler e recepcionar os clássicos sem assumir posição absoluta canônica é um papel ativo de leitura e interpretação dessas obras e uma boa recepção. Toda a recepção dos clássicos eleva o interesse humanístico e age como mirante a reluzir os horizontes pretérito e hodierno, a Antiguidade e o Contemporâneo. Como expandir a recepção dos clássicos? O conceito é plural do ponto de vista interdisciplinar e tem várias categorias (geográfica, étnicas, temporais, políticas, literárias e performáticas).

Conforme Bakogianni (2016), a estética da recepção concentra-se no protagonismo que cada leitor desempenha na leitura e na formulação de significado, porque cada um recebe o texto de maneira única conforme sua visão de mundo, sua educação, experiências pretéritas e interesses pessoais. Assim o termo recepção significa *a aceitação de ideias ou impressões na mente* conforme sua raiz grega: *αἴσθησις* (percepção); pelo latim: *recipero, recipio* (recuperar, recobrar) que deu forma linguística ao nosso vocabulário moderno *recepção*,



afirma Bakogianni (2016). Logo, depreende-se que o conceito original *recepção* está intrinsecamente vinculado à Antiguidade Clássica greco-latina. Então, onde estamos, no sentido de recepção dos clássicos, e para onde segue o nosso caminho em mão dupla, a partir de agora?

A Retórica Clássica de Aristóteles no *Sermão da Sexagésima vieirianum*

A retórica [a arte de falar bem] é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma ou de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar. Simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante a prática que resulta do hábito. É, porque os dois modos são possíveis, é óbvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método [retórico-oratório]. Pois é possível estudar a razão pela qual tanto são bem sucedidos os que agem por hábito como os que agem espontaneamente, e todos facilmente concordarão que tal estudo é tarefa de uma arte [retórico-oratória]. Ora, os que até hoje compuseram tratados de retórica ocuparam-se apenas de uma parte dessa arte; pois só os argumentos retóricos são próprios dela [a retórica contrária ao sofismo], e todo o resto é acessório. Eles, porém, nada dizem dos entimemas [silogismo retórico: a forma dedutiva de argumentação retórica que tem no paradigma a sua forma indutiva], que são afinal o corpo da prova [retórico-oratória], antes dedicam a maior parte dos seus tratados a questões exteriores ao assunto; porque o ataque verbal, a compaixão, a ira e outras paixões da alma semelhantes a estas não afetam o assunto, mas sim o juiz. De sorte que, se se aplicasse a todos os julgamentos a regra que atualmente se aplica em algumas cidades, sobretudo nas bem governadas [uma ironia utópica], aqueles autores [sofistas] nada teriam para dizer (Aristóteles, 2006, p. 89-90).

O conhecimento da *Retórica de Aristóteles* (2006) ou ao menos dos seus princípios ajuda na recepção dos clássicos e, por assim dizer, ratifica a razão *por que ler os clássicos* (Calvino, 2007) que são fontes de *insights* da politeia à brasileira, da polissemia semântico-relacional e a base da policoncepção das obras da Antiguidade clássica greco-romana. Por essa razão, depois de contemplar brevemente aspectos da trajetória da recepção literatura dos clássicos, no Brasil do Século XIX, refletiremos, a partir de agora, sobre a sabedoria clássica da *Retórica de Aristóteles* (2006) copiosamente recebida no *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antônio Vieira (2021) e enfatizaremos com fragmentos diretos do seu sermonário retórico.

É consenso entre os críticos literários que a *Retórica de Aristóteles* influenciou e continua a influenciar escritores, oradores, retóricos e críticos literários, no decurso de milênios, favorecendo assim a recepção dos clássicos. Essa obra tão relevante é a base e a estrutura estilística do *Sermão da Sexagésima*, realidade que pode ser constatada na leitura e análise de



fragmento textuais, a começar do fragmento acima que preconiza que todos nós, indistintamente, somos retóricos ou dialéticos em algum momento da vida e reforça que ninguém vive sem argumentar, defender-se, acusar ou refutar alguma coisa. Em sentido geral, o pressuposto retórico acima indica que o domínio dessa arte é indispensável à compreensão expandida de qualquer clássico, sobremodo, do metalinguístico *Sermão da Sexagésima*, a seguir.

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe. Ecce exiit qui seminat, seminare [Eis que o Semeador saiu a semear]. Diz Cristo que “saiu o pregador do Evangelho a semear” a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: Exiit, porque no dia da messe [da colheita] hão-nos de medir a semeadura e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: Exiit seminare [saiu a semear]. Mas daqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou porque os pregadores do Evangelho, os homens que professam pregar e: propagar a Fé, é bem que saiam, mas não é bem que tornem [...], porque sair para tornar melhor é não sair. Assim arguis com muita razão, e eu também o digo (Vieira, [1655] 2021, Capítulo X, p. 286).

Partindo do fragmento acima, convém contextualizar que o *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antônio Vieira, foi proclamado pela primeira vez na Capela Real de Lisboa, Portugal, em 1655, para a família real, os principais cortesãos e os frades dominicanos, adversários filosóficos de Padre Vieira. Esse sermão é também denominado de *Sermão da Palavra de Deus* cujo tema é *Semen est Verbum Dei* (Lucas 8,2): A Semente é a Palavra de Deus o qual consiste na teorização sobre a arte/técnica de pregar (a retórica de bem falar) baseado, do princípio ao fim, na *Retórica de Aristóteles*, e recebeu o título de *Sexagésima* porque foi proferido a sessenta dias antes da Páscoa da Ressurreição de Jesus Cristo, consoante as escrituras dos quatro Evangelhos da Bíblia Católica (Mateus 28,5-7; Marcos 16,5-7; Lucas 24,1-6; João 20,1-9).

À luz da estilística clássica, define-se como sermão um texto retórico em prosa cujo objetivo é a edificação espiritual dos seus ouvintes/leitores mediante a retórica do convencimento e persuasão presente na exposição. *Sexagésima* é o segundo domingo antes da Quaresma Católica, como diz Padre Vieira: “Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em



que principalmente se semeia a Palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios” (Vieira, 2021, Capítulo X, p. 310). O *Sermão da Sexagésima vieirianum* está repleto de elementos da *Retórica clássica de Aristóteles* (2006). No fragmento acima, por exemplo, Padre Vieira recepciona a retórica e a estilística clássica de Aristóteles pela coerência temática, a argumentação lógica nas dez partes desse sermão e o uso das principais figuras retóricas.

Além disso, citaremos três elementos clássicos recepcionados da *Retórica de Aristóteles* (2006) presentes no metalinguístico *Sermão da Sexagésima vieirianum* os quais trespassam esse breve fragmento acima. Primeiro: logos ($\lambda\circ\gamma\circ\sigma$), lógica, razão. Consoante constatamos acima, Padre Antônio Vieira emprega raciocínios lógicos, ao argumentar sobre a necessidade de o pregador do Evangelho saber argumentar como o Divino Mestre e não apenas anunciar, mas, sim, sair a semear a Palavra com toda a habilidade da lógica e da oratória capaz de convencer, persuadir e motivar seus leitores e ouvintes a se comprometer com a mensagem.

Durante o *Sermão da Sexagésima* cujo tema é pregar a Palavra de Deus, Padre Antônio Vieira argumenta também sobre a necessidade de simplificar o estilo da pregação e manter a coerência de uma só temática, princípio geral da *Retórica de Aristóteles*, que Padre Vieira observa coerentemente contra a linguagem rebuscada ou empolada e sem unidade retórica e temática que dificulta a recepção dos ouvintes/leitores e torna o sermão mero *Discurso Apostilado* no qual se fala acerca de vários temas sem unidade e não se aprofunda nada, como era o estilo dos pregadores dominicanos muito criticados e alvejados no *Sexagésima*.

Usa-se hoje o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos e quem levanta muita caça e não segue nenhuma não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é também esta. O sermão há-de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só. [...]. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há-de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero [apostilado]. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há-de colher senão vento? [...]. O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar



com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto [estilo empolado]. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela (Vieira, 2021, Capítulo VI, p. 298-299).

O segundo elemento retórico é *páthos* (*Πάθος*) e significa emoção, paixão, persuasão. Depois do *logos* (lógica, razão, convencimento) contra o estilo complexo e afetado dos pregadores ilógicos que não seguiam a unidade do tema sermonístico no Período Barroco (1601-1768), Padre Antônio Vieira trata das emoções dos ouvintes, destacando a dificuldade que eles têm de compreender e se envolver com o conteúdo dos sermões apostilados sem o mínimo de lógica ou razão clássica, sem equilíbrio do *páthos*, persuasão retórico-oratória. A questão tem raízes literárias longínquas nos conflitos retóricos entre as vertentes de estilo Barroco luso-brasileiro denominadas de Cultismo ou Gongorismo (jogos de palavras); e Conceptismo ou Quevedismo (jogos de ideias, comparações, argumentações engenhosas).

Os pregadores Dominicanos priorizavam a vertente Cultista, o conteúdo rebuscado e o exagero de figuras de linguagem sem a preocupação com a recepção dos ouvintes/leitores. Padre Vieira (2021) prioriza o Conceptismo e afirma no *Sermão da Sexagésima* que os pregadores *cultistas*, na verdade, buscam apenas a autoestima e a honra de si mesmos e pregam ao vento. Assim sendo, o sermonário *vieirianum* segue a via de mão dupla com a *Retórica de Aristóteles* que valoriza as ideias, o raciocínio, o convencimento e a persuasão dos ouvintes/leitores. Ele usa a estilística clássica aristotélica contra a retórica e oratória sofista.

Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são sutilizações e pensamentos aéreos, sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do teatro ao púlpito. Não cuideis que encareço em chamar comédias a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comédias de Plauto, de Terêncio, de Sêneca, e veríeis se não acháveis nelas muitos desenganos da vida e vaidade do Mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros, e muito mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano, e gentio, que nas pregações de um orador cristão, e muitas vezes, sobre cristão, religioso! Pouco disse São Paulo em lhes chamar comédia [certos sermões apostilados], porque muitos sermões há que não são comédia, são farsa (Vieira, 2021, Capítulo IX, p. 307).



Contemplando o cruzamento retórico, de cunho persuasivo, no clássico *Sermão da Sexagésima*, de Padre Antônio Vieira, percebe-se que ele receptionou literariamente não apenas a estilística clássica da *Retórica de Aristóteles* (2006), mas também dispunha de ampla ciência semântico-relacional ao falar fluentemente sobre a comédia, em geral, e, sobremodo, nos grandes comediantes: Plauto, Terêncio e Sêneca, e na própria Sagrada Escritura. Além disso, ao continuar os argumentos persuasivos amplia a estrada retórica, demonstrando que seguiu os princípios da própria *Poética de Aristóteles* (2019) e outras obras clássicas de igual peso e valor atemporal universal, como a imortal *Poética Clássica de Horácio e Longino* (2014).

Se importa o adágio latino *nemo dat quod non habet* (ninguém dá o que não existe/não tem) também é importante o pressuposto que ninguém pode persuadir sem arte-retórico-oratória. Essa é uma ampla conexão de Padre Vieira a Aristóteles que o *vieirianum* lamenta reiterada e poeticamente que alguns retóricos sejam pregadores de *fábulas* no duplo sentido do termo cuja oratória nem merece ser chamada de Comédia pois é a Arte Clássica que favorece a leitura e a recepção dos clássicos, ao passo que as *retóricas-fábulas* a obnubilam.

Ethos (*Hθος*) é o terceiro elemento de mão dupla e significa credibilidade, caráter. Por ele, Padre Vieira receptionou a clássica *Retórica de Aristóteles* (2006) no *Sermão da Sexagésima* (2021). O *vieirianum* usa o elemento *ethos* confirmado a definição da Retórica Clássica: *Ρητορική, η τέχνη τον να μιλάς καλά* (Retórica, a técnica/arte de bem falar/falar bem). Donde se depreende que sem *ethos* (caráter, credibilidade) da parte de quem discursa, no púlpito, no tribunal ou na ágora (*ἀγορά*), assembleia, lugar de reunião de qualquer natureza, ficam comprometidas ou prejudicadas a recepção, o convencimento e a persuasão dos leitores.

Por essa razão, Padre Vieira faz contínuas referências ao discurso de autoridades, a começar pelo próprio caráter (credibilidade) de Jesus Cristo, passando pelo *ethos* dos Santos Doutores da Igreja Católica, entre os seus mais talentosos retórico-oratórios, sobremodo, os quatro maiores doutores greco-latinos. Latinos: Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo e São Gregório Magno. Gregos: São Atanásio, São Basílio, São Gregório de Nazianzo e São João Crisóstomo. Eles são os mais receptionados nos sermões e os que mais trilharam a estrada de escritura dupla conforme o número de vezes exaltados no *Sermão da Sexagésima*.

Fazer referências a esses grandes luzeiros filósofos-retóricos que unem o Ocidente e o Oriente não é mero discurso de autoridade religiosa, mas também apresentá-los como modelos irretocáveis de *ethos* e da retórica clássica que levam à recepção dos clássicos greco-latinos como eviternos *insights* para a retórica atemporal e inspirações para novos retóricos.



A credibilidade do pregador revigora e ratifica seus argumentos estabelecendo a definição da retórica que, ao contrário, da retórica-sofística, contém necessariamente os três elementos da retórica clássica: *logos*, *páthos*, *ethos* (razão/lógica; emoção/persuasão; caráter/credibilidade) para formar discipulado. Nesse sentido, segue o próximo fragmento do *Sermão da Sexagésima vieirianum* que sintetiza os três elementos da retórica, com ênfase ao *ethos-retórico*.

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. [...] Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. [...] O semeador e o pregador é nome; o que sameia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? O conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. [...] O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. [...] Quis Deus converter o Mundo, e que fez? Mandou ao Mundo seu Filho feito homem. [...] De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu na eficácia da salvação do Mundo. Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras veem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se mais pelos olhos que pelos ouvidos. No Céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de amar. [...] A razão é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus na alma pelos olhos. [...] Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros. [...] Sabem, padres pregadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, mas só aos ouvidos. [...] Se os ouvintes ouvem uma coisa e veem outra, como se hão de converter? [...]. Se quando os ouvintes percebem nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? [...] Se minha vida [ethos] é apologia contra minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador, e outra o que sameia, como se há de fazer frutos? (Vieira, 2021, Capítulo IV, p. 293-296).

Depois desta reflexão vieiriana sobre o bom *ethos* e o mau *ethos* dos retórico-oratórios, consideraremos mais alguns elementos da clássica *Retórica de Aristóteles* (2006) como sinal de recepção dos clássicos no metalinguístico *Sermão da Sexagésima vieirianum* ou a *Arte de Pregar*, consoante arremata contra os retórico-oratórios do *Evangelho Apostilado*, dizendo:



“Uma coisa é expor e outra é pregar, uma é ensinar e outra é persuadir. E desta última é que falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo Antônio de Pádua e São Vicente Ferrer” (Vieira, 2021, Capítulo V, p. 300). Ainda recepcionando a *Retórica de Aristóteles* (2006), como vimos até aqui, Padre Vieira utiliza diferentes tópicos de argumentação retórica para sustentar sua posição e refutar os adversários, como: comparação entre pregadores, estilos antigos e modernos, entre o semear do lavrador e o pregar do semeador, e diz que os Céus são os mais antigos pregadores em cuja pregação “as palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas” no alto (Vieira, 2021, Capítulo V, p. 296).

Padre Vieira usa adequadamente as figuras de linguagem e retóricas com destaque às metáforas, desde o tema da obra *Semen est Verbum Dei* (a Semente é a Palavra de Deus) e o pregador metafórico, pois o verdadeiro é o próprio Cristo. A comparação é a segunda figura retórica mais utilizada no *Sermão da Sexagésima*, visto que o texto clássico é a Parábola (comparação) do Semeador. São copiosas as idas e vindas à Retórica de Aristóteles para convencer e persuadir sobre o pregar e o semear. Hipérboles e ironias são usadas para indicar as inadequações da retórica moderna que é clássico simulacro ou *Evangelho Apostilado*.

Conclusão

Depois de analisarmos a polissemia conceitual da obra clássica em *Por que ler os clássicos* (Calvino, 2007), imergimos na pragmática da recepção dos clássicos no metalinguístico *Sermão da Sexagésima* de Padre Antônio Vieira (2021), geralmente considerado pela crítica expandida como manual clássico de retórica embasado na Retórica e na Poética clássica de Aristóteles. Nesse sentido, somos conduzidos extrínseca e intrinsecamente ao *insight* de politeia e policoncepção dos clássicos passando pelo período Barroco, o Classicismo, a estética, a recepção e a tradução de clássicos aos tempos hodiernos da retórica e oratória decolonial.

Apesar do intervalo entre o clássico Seiscentista *Sermão da Sexagésima* (1655) e a *Retórica de Aristóteles* (Século IV antes de Cristo) são leituras necessárias ao discernimento da verdadeira retórica e da pseudoretórica-oratória dos sofistas até hoje. O artigo recorda a existência das poéticas clássicas, como: a *Poética Clássica de Aristóteles*, Horácio e Longino (2014), só para citar alguns clássicos recepcionados no metalinguístico *Sermão da Sexagésima*.

Por outro lado, frisa-se que o *Sexagésima* é um clássico atemporal luso-brasileiro no sentido que transcende os limites de seu tempo e o contexto e tem valor perene e relevância



em diferentes épocas, como os demais clássicos. Graças ao *Sermão da Sexagésima* e à estrada de mão dupla entre os clássicos, temos o neologismo *Evangelho Apostilado* que é a melhor definição clássica para a pseudorretórica: “Usa-se hoje, o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos [...]. Porque o sermão há de ser uma só matéria, e não muitas matérias” (Vieira, 2021, Capítulo VI, p. 298-299).

A partir dessa crítica literária vieiriana, acendeu-se o alerta à recepção dos clássicos e traduções, pois o estilo dito *culto-cultista* tornou-se irretocável obstáculo a obnubilar a compreensão e a recepção dos clássicos pelos leitores/ouvintes, consoante Padre Vieira ironiza personificando alguém que protesta contra o estilo cultista: “Sim, Padre; porém esse estilo de pregar [cultista] não é pregar culto [...]. Este desventurado estilo [culto-apostilado] que hoje se usa, os que querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro” (Vieira, 2021, Capítulo V, p. 298). A recepção da *Retórica de Aristóteles*, no *Sermão da Sexagésima*, propicia a leitura dos clássicos e das *Cidades Invisíveis* (Calvino, 2003) à luz do Método Peripatético aristotélico mobilizado por Padre Vieira no *Sexagésima*, que consiste na argumentação circular e na repetição do tema sempre cavando sulcos sobre o assunto.

A clássica metodologia *circular* produz naturalmente inúmeros *insights* nos leitores e ouvintes no decurso dos séculos e mantém acesa a atenção, favorecendo a recepção da estética clássica. Assim, reiteramos a unidade retórica presente, do princípio ao fim, no *Sermão da Sexagésima* por inspiração direta da *Retórica clássica* de Aristóteles. Por isso é praxe repetir certas palavras durante toda a exposição do *Sermão da Sexagésima*, como a mais comum: *Cecidit, cecidit, cecidit*, no fito de fixar os argumentos retórico-oratórios: “Assim há de ser o pregar. Hão de cair as coisas [palavras] e hão de nascer [...]. Há de cair com queda, há de cair com cadêncio, de cair com caso [...]. Cecidit, cecidit, cecidit [cair, cair, cair]”. (Vieira, 2021, Capítulo V, p. 296-297). Assim a retórica e a oratória fazem a estrada de mão dupla.

Portanto, estas considerações *finais* não se pretendem ser uma *conclusão*, senão um *insight inacabado* recordando aos leitores, sobremodo, aos latino-americanos que a retórica e a oratória de Padre Vieira, o Imperador da Língua Portuguesa, confirmam que ele receptionou os clássicos e preferiu os jogos de ideias aos jogos de palavras empoladas ou mero *cultismo*. Nesse sentido, o *vieirianum* refuta objeções *sofistas* (*fake-news*) contra a leitura e a recepção dos clássicos e motiva os leitores a trilharem a estrada de mão dupla, literatura comparada, *transmordenizando* a cosmovisão-colonialista-eurocêntrica via decolonialismo *transmodernismo*: “Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, não só com os



preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos, mas com a prática observada” (Vieira, 2021, Capítulo VII, p. 300). Que o artigo inspire a recepção dos clássicos locais e globais.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad. Luciene Ribeiro dos Santos de Freitas. São Paulo: Novo Século, 2022.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Volume VIII, Tomo I. Trad. e notas Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- ARISTÓTELES. **As Categorias de Aristóteles**. Coleção Filosofia e Ensaios. Trad. de Silvestre Pinheiro Ferreira. 3. ed. Santa Catarina: Editora Guimarães, 1994. Barueri: Novo Século, 2022.
- ARISTÓTELES. **Da arte poética**. Tradução e notas Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2019.
- ARISTÓTELES, Horácio e Longino. **A Poética Clássica**. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultriz, 2014.
- AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. Politeía Tropical: a recepção dos clássicos, a tradição política no Brasil do século XIX e a tradução das Categorias aristotélicas. **Fundação Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 2012, s/n. p. 1-40. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2012//maria_das_gracas_de_moraes_augusto_trab_revizado_0.pdf. Acesso: 02 mar. 2024.
- BAKOGIANNI, Anastasia. O que há de tão clássico na recepção dos clássicos? Teoria, metodologia e perspectivas futuras. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016, p. 114-131. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317886625_O_que_ha_de_tao'_classico'_na_recepcao_dos_classicos_Teorias_metodologias_e_perspectivas_futuras/link/59503a920f7e9be7b2e5bbd0/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em: 13 mar. 2024.
- BOFF, Leonardo. **A Águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, Edição Vozes Nobilis, 2017.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. de Diogo Mainardi. São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. Posfácio: Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CALVINO, I. **I libri degli altri: lettere 1945-1981**. A cura di Giovanni Tesio. Nota di Carlo Fruttero. Nota al testo di Giovanni Tesio. Torino: Einaudi, 1991.
- CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote**. Trad. de Sérgio Molina e ilustração de Gustave Doré. São Paulo: Editora 34, 2023.



EHRENBERG, V. **Lo stato dei greci**. Traduzione de Ervino Pocar. Firenze: La Nuova Itália, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Silvestre Pinheiro. **Preleções Filosóficas**. Introdução de Antônio Paim. 2. ed. São Paulo: Edusp, Editorial Grijalbo, 1970.

FERREIRA, Silvestre Pinheiro. **Preleções Filosóficas**. Introdução de José Esteves Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO, Vitor. **Os Miseráveis**. Trad. Antônio Carlos Viana e ilustrador Alexandre Camanho. São Paulo: DTD Educação, 1970.

MANVILLE, P. B. **The origins of citizenship in ancient Athens**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais. Projetos globais - colonialidade, saberes subalternos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**: Catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1969.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006.

PAIM, A. **História das ideias filosóficas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Grijalbo, Edusp, 1974.

PAIM, A. Introdução. In: FERREIRA, Silvestre Pinheiro. **Preleções Filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Edusp, Editorial Grijalbo, 1970. p. 7-13.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Editora Landmark, 2023.

PLATÃO. **A República**. Trad. Jonh Burnet. Belém: EDUFPA, 2023.

QUIJANO, Aníbal. **La colonialidad del poder**. Madrid: Ediciones del Signo, 2019.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Silvestre Pinheiro Ferreira: ideologia e teoria**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

VIEIRA, Padre Antônio. Org. Alexei Bueno. **Os mais belos sermões do Padre Antônio Vieira**. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Petra, 2021.

